

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO

CONVITE À
ORGANIZAÇÃO
COLETIVA



CADERNO

2

FICHA TÉCNICA

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva de Marcha das Mulheres Negras de São Paulo e não representa necessariamente a posição da FRL.

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO. Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SP
Instagram/marchadasmulheresnegrassp
narrativasdeliberdade@gmail.com

Coordenação Geral

Andréia Alves e Juliana Gonçalves

Autoras

Ana Paula Evangelista,

Andréia Alves e Juliana Gonçalves

Co-autoria

Luciana Araújo e Nilza Iraci

Pesquisadoras

Ana Paula Evangelista, Andréia Alves
e Juliana Gonçalves

Fotografias

Dai Pettine, Jessica Laurinda,

Vanderlei Yui

ORALITURAS

oralituras.com.br

Coordenação Editorial

Maitê Freitas

Assistente Editorial

Agnis Freitas

Projeto gráfico e diagramação

Silvana Martins

Ilustrações

Neon Cunha

Revisão

Larissa Moreira e Janaina Ramos

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO

rosalux.org.br

Diretor

Torge Loeding

Coordenação de Projetos

Christiane Gomes

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

M315

Marcha das Mulheres Negras de São Paulo: convite à organização coletiva / Andreia Alves (Organizadora), Ana Paula Evangelista (Organizadora), Juliana Gonçalves (Organizadora) – São Paulo: Oralituras, 2021.

(Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, V.1)

20 p.; 15 X 21 cm

ISBN: 978-65-995064-3-7 - V.2

1. Feminismo negro. 2. Mulheres negras. 3. Política. 4. Organização coletiva. 5. Movimento popular. I. Alves, Andreia (Organizadora). II. Evangelista, Ana Paula (Organizadora). III. Gonçalves, Juliana (Organizadora). IV. Título.

CDD 305.42

Índice para catálogo sistemático

I. Feminismo negro : Mulheres negras



TERESA DE BENGUELA

O 25 de Julho é no Brasil também o Dia de Teresa de Benguela. Líder do Quilombo do Quariterê, na região do atual estado do Mato Grosso, por 40 anos, herdeira da tradição de resistência de nosso povo, e uma das primeiras heroínas negras reconhecidas pelo Estado brasileiro, é Teresa que nos guia a colocar todos os anos, desde 2016 milhares de mulheres negras nas ruas de São Paulo. De Rainha Teresa herdamos a resiliência para enfrentar o racismo, a violência, o machismo e seguir lutando pelo Bem Viver. Com Teresa aprendemos que é possível às mulheres negras construir outra sociedade, com igualdade, respeito, outra relação com a natureza, empoderamento feminino real e resistência. A Teresa mais uma vez dedicamos nossa caminhada, assim como a todas as nossas griots e referências em vida e ancestrais.

ANCESTRAIS PARA CONHECER E REVERENCIAR:

- ▮ Aqualtune
- ▮ Dandara dos Palmares
- ▮ Helena Nogueira
- ▮ Lélia González
- ▮ Luana Barbosa
- ▮ Luiza Bairros
- ▮ Mãe Stella de Oxóssi
- ▮ Marielle Franco
- ▮ Ruth de Souza
- ▮ Sônia Leite
- ▮ Theodosina Ribeiro
- ▮ Tula Pilar
- ▮ Xica Manicongo
- ▮ Zeferina

NOSSAS GRIOTS:

- ▮ Cida Bento
- ▮ Conceição Evaristo
- ▮ Gilda Pereira
- ▮ Lenny Blue
- ▮ Nilma Bentes
- ▮ Nilza Iraci
- ▮ Regina Lúcia
- ▮ Sueli Carneiro

04

ÍNDICE

14

3

PARA CONHECER E REVERENCIAR

Nas ações da Marcha das Mulheres Negras de SP (MMNSP) é comum praticarmos algo que aprendemos com as nossas mais velhas: a importância de conhecer e valorizar o trabalho das que vieram antes. Somos fruto desse trabalho e acreditamos que na luta acumulamos experiências e fortalecemos um legado herdado das mais velhas. Essa percepção é muito difundida nos movimentos de mulheres negras, onde a ancestralidade não é passado, mas presente e futuro. É comum nas nossas casas ouvirmos sobre a necessidade de respeitarmos as/os mais velhos/as. Nas tradições de matriz africana, coloca-se que idade é posto, ou seja, alguém mais velho/a precisa ser respeitado/a porque viveu mais e assim tem o que ensinar. Essa visão é bem diferente da vendida pela lógica ocidental e capitalista que coloca os corpos envelhecidos na pilha de descarte. Nós não! Nossas mais velhas merecem ser celebradas, pois trilharam caminhos diversos que nos trouxeram até aqui.

Na construção da Marcha de 2020, online por causa da pandemia mundial do novo coronavírus, resolvemos destacar nomes de mulheres negras de ontem e de hoje que nos inspiram. Essa lista foi construída e alimentada pelas mulheres da MMNSP, num trabalho coletivo, sobretudo, daquelas envolvidas no Grupo de Trabalho (GT) de Comunicação. Dez dias antes da Marcha de 2020, publicamos de um a dois nomes marcando uma contagem regressiva até o dia 25 de julho.

A Marcha, a partir da insígnia “nossos passos vêm de longe”, tem homenageado mulheres negras que tenham sido responsáveis por pavimentar nossos caminhos. São mulheres negras que vêm pensando, elaborando, ousando e contribuindo para o fortalecimento de diversos temas importantes para a sociedade. Potencializam e nutrem a nossa luta contra o racismo, sexismo e todas as formas de opressão. Queremos reverenciar algumas dessas mulheres, reconhecendo suas contribuições nas lutas de emancipação do povo negro e das mulheres negras. Não pretendemos esgotar uma lista, mas, ao nomear algumas, convidar a todes para que façam uma revisão da história e conheçam muitas outras. São mulheres insurgentes que nos trouxeram até aqui. Pedimos licença para apresentar alguns desses nomes:

AQUALTUNE

No século 17, foi a matriarca do quilombo dos Palmares. Princesa do antigo reino do Congo e escravizada no Brasil, teve sua realeza reconhecida e restituída no estado livre recém-formado na Serra da Barriga, em Alagoas. Foi mãe do líder Ganga Zumba e bisavô de Zumbi. Após sua passagem para o Orun (céu), continuou orientando as decisões da comunidade, na condição de ancestral. **AQUALTUNE PRESENTE, HOJE E SEMPRE!**



ANTONIETA DE BARROS

Nascida em Florianópolis, Santa Catarina, em 11 de julho de 1901, Antonieta de Barros foi precursora da luta de políticos negros no Parlamento brasileiro. Ingressou, aos 17 anos, na Escola Normal Catarinense, formando-se, em 1921, professora de Português e Literatura – um dos poucos cursos que permitiam o ingresso feminino e que possibilitavam às mulheres circularem no espaço público de forma socialmente aceita. Um ano após a sua formatura, fundou o “Curso Particular Antonieta de Barros”, voltado para a alfabetização da população carente, visto que entendia que o analfabetismo impedia gente de ser gente.

Em 1934, Antonieta de Barros envolveu-se nos debates sobre direitos civis, sociais e políticos. Defendendo, particularmente, o direito das mulheres ao voto e foi a primeira mulher negra a ser eleita para uma Assembleia Legislativa no Brasil, no estado de Santa Catarina, no mesmo ano.

De lá para cá, os avanços são inegáveis, mas ainda há um longo caminho a ser trilhado. Garantir maior participação das mulheres negras na política. Além de ser um processo de reparação histórica, é também uma forma de promover a democracia e a pluralidade de vozes nos espaços de tomada de decisões. **ANTONIETA, PRESENTE!**

Fonte: <https://www.geledes.org.br>



BEATRIZ NASCIMENTO

Nasceu em Aracaju, Sergipe, em 12 de julho de 1942, filha da dona de casa Rubina Pereira Nascimento e do pedreiro Francisco Xavier Nascimento, a oitava de dez irmãos. Foi uma retirante que se mudou em 1950 com sua família para Cordovil, Rio de Janeiro. Lá ela se formou em História em 1971 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professora na rede pública de ensino do estado e Pós-Graduada em História pela Universidade Federal do Fluminense, em 1981 com a pesquisa “Sistemas alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas”. Seu trabalho mais conhecido foi o filme Ôri (1989, 131 mim, direção de Raquel Gerber), disponível na íntegra no Youtube.

Os artigos da historiadora foram publicados em periódicos como Revista de Cultura Vozes, Estudos Afro-Asiáticos e Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, além de inúmeros artigos e entrevistas a jornais e revistas de grande circulação nacional. Hoje a junção dos seus artigos e poesias estão no livro “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida da Beatriz Nascimento” por Alex Ratts e no livro “Beatriz Nascimento: intelectual e quilombola. Possibilidade nos dias de destruição” lançado pela União dos Coletivos Pan- Africanistas de São Paulo (UCPA).

Durante o mestrado em comunicação social, na UFRJ, sob orientação de Muniz Sodré, Beatriz foi assassinada ao defender a vizinha de seu companheiro violento. Faleceu em 28 de janeiro de 1995, aos 52 anos. **BEATRIZ, PRESENTE!**

Fonte: <https://noticiapreta.com.br>

DANDARA

Foi uma das líderes do quilombo de Palmares. Grande estrategista política e militar, Dandara comandou mulheres e homens na resistência armada contra as tropas imperiais que tentaram, inúmeras vezes e sem sucesso destruir o quilombo. Palmares foi o primeiro Estado livre do Brasil. Chegou a ter uma população de 20 mil a 30 mil habitantes e resistiu a 66 ataques, de 1596 e 1716. O que contam, é que Dandara foi esposa de Zumbi e retornou ao Orun em 1695, no campo de batalha, atirando-se de um penhasco para não ser capturada pelos inimigos.

DANDARA PRESENTE, HOJE E SEMPRE!



Nasceu na cidade Graça Aranha, no Maranhão e tinha o sonho de se tornar médica para ajudar o seu povo. Passou em medicina na UFMA (Universidade Federal do Maranhão) aos 17 anos. Árdua defensora do Sistema Único de Saúde (SUS), pesquisadora da saúde da mulher, da população negra e defensora dos direitos sexuais e direitos reprodutivos. Fátima Oliveira construiu um legado feminista valioso, articulando as questões de gênero e raça. Se posicionou contra o racismo na saúde, destacando as mortes evitáveis de negras e negros e a falta de capacidade instalada nos serviços de saúde como uma das expressões da discriminação racial. Foi uma importante voz no País pela legalização do aborto e pelo atendimento adequado às mulheres na saúde pública, denunciando, inclusive, a esterilização de mulheres negras. Foi pesquisadora de bioética com diversas obras produzidas e secretária-executiva da Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Faleceu no dia 05 de novembro de 2017.

FÁTIMA OLIVEIRA, PRESENTE!



FÁTIMA OLIVEIRA



HELENA NOGUEIRA

Feminista, batalhadora e incansavelmente solidária. Formada em jornalismo e audiovisual. Costumava organizar bazares para ajudar famílias negras da comunidade de Paraisópolis. Mulher preta militante da Marcha Mundial de Mulheres e da Marcha das Mulheres Negras de SP. Além de ter ajudado a construir o Partido dos Trabalhadores. Defendia com unhas e dentes a causa negra e das mulheres na periferia. Lutou contra o genocídio do povo preto, a violência contra as mulheres e todas as formas de opressão. Helena também era escritora e começou escrever sua autobiografia durante as oficinas de escrita realizadas pelo coletivo Carolina e Femininas. Sonhava contar sua história de vida e publicar seus escritos. Nos deixou em 24 de março de 2020, dia que perdemos uma fervorosa companheira de luta. Helena foi uma mulher de coragem!

HELENA, PRESENTE, AGORA E SEMPRE!



LAUDELINA DE CAMPOS MELO

Laudelina nasceu em Poços de Caldas (MG), em 12 de outubro de 1904, menos de 20 anos depois da abolição da escravidão no país, em 1888. Ela começou a trabalhar aos sete anos de idade. Abandonou a escola para cuidar dos irmãos enquanto a mãe trabalhava e aos 16 anos passou a atuar de organizações sociais do movimento negro. O Brasil que conta com mais de 5 milhões de trabalhadoras domésticas, viu o movimento sindical da categoria nascer em Santos em 1936 por iniciativa de Laudelina que buscava melhores condições de trabalho para ela e para todas. **LAUDELINA, PRESENTE, HOJE E SEMPRE!**

LÉLIA GONZÁLEZ

Intelectual, professora e antropóloga brasileira. Dedicou sua vida e militância ao Movimento Negro, em especial, ao Movimento de Mulheres Negras. Foi umas das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Coletivo de Mulheres Negras NZINGA. Sua atuação e produção são essenciais não só para entender a luta negra, mas também as relações coloniais no Brasil. Estabeleceu as bases do feminismo negro brasileiro, além de anunciar a necessidade de um feminismo “afro-latino-americano”. Denunciou o racismo e o sexismo como formas de violência que subalternizam as mulheres negras. Além de pautar o embranquecimento racial como uma forma de manter a superioridade do branco colonizador e a alienação de parte dos negros. Nos ensinou a pensar a diáspora africana por meio da categoria “amefricanidade”, que pontua a experiência em comum dos negros nas Américas. Nos deixou fisicamente há 26 anos, mas segue presente quando denunciarmos o racismo como impedimento estrutural para se ter uma real democracia. Foi uma das principais vozes a pontuar o compromisso das mulheres negras com a transformação social, já que como “amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós a marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas”, afirmou. **VIVA LÉLIA GONZÁLEZ!**



Foi uma mulher negra e lésbica. Chegou a iniciar sua transição de gênero, tendo vivido por 4 anos como Luan Víctor. Em abril de 2016, foi abordada e espancada pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, ao levar o filho para um curso de informática. Ao exigir seu direito de ser revistada por uma mulher, Luana foi violentamente agredida e os ferimentos causaram sua morte, cinco dias depois, em 13 de abril. A ONU Mulheres e o ACNUDH (Alto Comissariado da ONU para Direitos Humanos) pediram investigação imparcial sobre a morte de Luana sob a perspectiva de gênero e raça, para identificar as práticas de sexismo, racismo, lesbofobia e violação de direitos. O caso vai a júri popular, mas enquanto isso, os acusados continuam em liberdade. O que ressalta a nossa luta contra uma polícia que deveria proteger, mas muitas vezes é causadora da morte de corpos negros e pobres. **LUANA BARBOSA, PRESENTE, HOJE E SEMPRE!**

LUANA BARBOSA



LUIZA BAIRROS

Luiza Helena de Bairros nasceu em Porto Alegre (RS), em 27 de março de 1953, num bairro que fazia parte de um território negro que na virada do século XX era conhecido como Colônia Africana, nome dado à região em virtude da concentração de negros e negras libertos/as e livres que se estabeleceram ali nas últimas décadas do século XIX. Formada em Administração Pública de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1975. Iniciou sua militância política no movimento estudantil em plena ditadura militar no Brasil. Integrou o Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS participando das ações que na época buscavam rearticular a União Nacional dos Estudantes (UNE). Dedicou sua trajetória pela emancipação e fortalecimento coletivo das “Anônimas guerreiras brasileiras”. Luiza Helena de Bairros, militante do Movimento Negro e da luta das Mulheres Negras, um dos grandes nomes do Brasil na luta contra o racismo e o sexismo. Foi ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil entre 2011 e 2014. Em 12 de julho de 2016 virou ancestral. **LUIZA BARROS, PRESENTE!** Fonte: <https://www.geledes.org.br/>



MÃE STELLA DE OXÓSSI

A Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayode, Maria Stella de Azevedo foi expressão da luta antirracista e contra o racismo patriarcal heteronormativo. Enfermeira, cuidou dos corpos físicos e dos Oris (das cabeças) de nosso povo desde a juventude até sua passagem ao Orum (céu) de onde temos a certeza que guarda nossos passos para seguirmos firme na defesa do legado de nossas rainhas ancestrais desde África. Foi a quinta Iyalorixá de um dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Bahia, o Ilê Axé Opô Afonjá. Odé Kayode estreou na literatura em 1988, em parceria com Cléo Martins, com o livro “E daí aconteceu o encanto”, que conta as raízes do seu terreiro e suas primeiras sacerdotisas. Depois disso, foi autora de diversas obras, sempre sobre os orixás, contando itans (narrativas míticas), interpretando fundamentos, entre outros, inclusive para o público infantil. Mãe Stella virou ancestral em 2018, deixando um legado não só para seus filhos de santo, mas para toda a comunidade negra.

ODÉ KAYODE, PRESENTE!



MARIELLE FRANCO

Marielle Francisco da Silva honrou nossa história ancestral até ser arrancada de nós brutalmente e tornar-se semente para milhares de mulheres negras. Desde 2018, o dia 14 de março é de tristeza e revolta em todo o mundo. Mas também a reafirmação da derrota do objetivo de calar a voz que cobrava o fim da guerra do Estado brasileiro contra a população negra e pobre. Socióloga, Mestra em administração pública, vereadora eleita pelo PSOL com mais de 46 mil votos na primeira vez que disputou um cargo público, Marielle Franco era (e é) a

expressão de tudo o que o fascismo que tomou conta do país pretende exterminar: mulher, negra, bissexual, mãe solo, cria da Favela e símbolo de que podemos romper as barreiras do racismo estrutural no Brasil. Seguimos celebrando a sua existência e cobrando justiça para Marielle e Anderson Gomes, trabalhador assassinado junto com a vereadora. “Não seremos mais interrompidas” é o grito insurgente de Marielle que ressoa em todas nós! **MARIELLE FRANCO, PRESENTE HOJE E SEMPRE!**



RUTH DE SOUZA

Primeira dama negra do teatro, do cinema e da televisão do Brasil. Foi a primeira artista brasileira que venceu o prêmio de melhor atriz no festival internacional de cinema. Tornou-se a primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela. Participando intensamente da teledramaturgia em diversas produções. Interessou-se pelo teatro em 1945 e ingressou no Teatro Experimental do Negro, grupo liderado por Abdias do Nascimento. Participou ao lado de outras mulheres negras do primeiro grupo de teatro negro, abrindo caminho para o artista negro no Brasil. Foi a primeira atriz negra a encenar no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Estudou teatro na Academia Nacional do Teatro e participou de inúmeras produções no teatro, radionovelas, na televisão e no cinema, conquistando reconhecimento nacional. Virou ancestral em 2019, aos 98 anos de idade. **VIVA A PRIMEIRA DAMA DO TEATRO BRASILEIRO!**



SÔNIA LEITE

Militante histórica do movimento negro, a companheira Sônia foi uma das fundadoras da Comissão de Negros do Partido dos Trabalhadores, que posteriormente foi transformado em secretaria. Também fez parte da Articulação de Mulheres Negras, da direção da Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN), da Marcha Mundial de Mulheres, Soweto entre tantas outras entidades. Sônia colaborou, ainda, na construção de diversos programas de governo do PT ligados à questão racial e, entre outros eventos, organizou a Marcha da Consciência Negra e da valorização do Povo. Ela afirmava que “o racismo e o machismo caminham na mesma esteira da opressão”. Sônia virou ancestral em 20 de setembro de 2012. **SÔNIA LEITE, PRESENTE!**

THEODOSINA RIBEIRO



Formada em Direito e Filosofia, professora, diretora escolar e advogada. Foi a primeira mulher negra a ocupar uma vaga de deputada estadual na Assembleia Legislativa do estado de São Paulo. Eleita em 1974, destacou-se ao longo de 3 mandatos pela luta por direitos das pessoas negras. Como vereadora em 1970 teve a segunda maior votação da Câmara Municipal de São Paulo. Afirmava que o racismo no Brasil é velado e muito maior do que nos EUA, defendia que o programa de cotas é uma reparação histórica e que a mulher negra deveria participar mais da política e ocupar todos os espaços na sociedade. Em abril de 2020 virou ancestral depois de ter marcado seu lugar na história das mulheres negras apontando a política institucional como um espaço necessário para mudanças profundas na sociedade. **THEODOSIA, PRESENTE!**



TULA PILAR

Poeta dos saraus periféricos de São Paulo, artista que ganhou o reconhecimento e trabalhava de forma independente com sua poesia. Foi doméstica, babá e cozinheira. Não aguentava calada os abusos cometidos pelas patroas. Encontrou na poesia a ferramenta de expressão da sua trajetória e combate às opressões. Criou seu próprio coletivo RAIZARTE, com grande interesse pelo conhecimento e resgate das culturas africanas. Dizia que nós negros precisamos ler e saber mais sobre a nossa ancestralidade e que muito da nossa história está sendo apagada ou repassada de forma errônea, ajudando a fortalecer um sistema de desigualdade e alienação. Em um poema escreveu: “A caneta é seu troféu que quer bordar as palavras no papel e tudo o que quiser dizer”. Virou ancestral em 2019 e faz muito falta para todas nós. Em 2020, durante a realização da Marcha fizemos uma grande homenagem à Tula que se enfileirava conosco nas ruas sempre no dia 25 de julho. Em frente à Biblioteca Mário de Andrade, no centro da cidade, realizamos um sarau em sua memória.

OBRIGADA, TULA, POR TANTO!



XICA MANICONGO

Considerada a primeira travesti negra e não indígena do Brasil, Xica Manicongo viveu nos anos de 1500. Foi escravizada por um sapateiro e viveu em Salvador num período onde as leis proibiam expressamente toda as vivências fora da norma de gênero e a liberdade de ser quem realmente se é. Condenada pela Santa Inquisição por se recusar a ser chamada por seu nome civil e por praticar feitiçaria africana. Considerada culpada, foi queimada viva. Francisca foi uma guerreira negra. Durante certo tempo, para escapar da morte e continuar viva, abriu mão de vestir-se como lhe convinha e adotou o estilo de vestimenta tradicional para os homens da época. Vigiada pela igreja e pela cidade, tornou-se mais uma negra sufocada pelo sistema patriarcal e opressor de corpos. Hoje reverenciamos sua memória e seu legado preto e travesti. **XICA MANICONGO, VIVE!**

Escravizada, viveu em Salvador e foi inspiração de mulheres angolanas na primeira metade do século XIX. Trazida ainda criança para o Brasil, sentiu a penumbra e a dor da viagem dentro de um navio negreiro. Uma rainha que fundou o quilombo do Urubu e uma sociabilidade baseada em modelos civilizatórios africanas/os para proteger o seu povo da escravidão. Organizou indígenas, negros/as fugitivos/as e libertos/as no geral em busca de liberdade. Via nos quilombos um princípio libertador. Uniu-se a outros grupos africanos para invadir a cidade de Salvador e libertar os corpos negros do julgo dos brancos escravocratas. **VALENTE MULHER! FALECEU NA LUTA, SEM FRAQUEJAR DOS SEUS IDEAIS.**

ZEFERINA



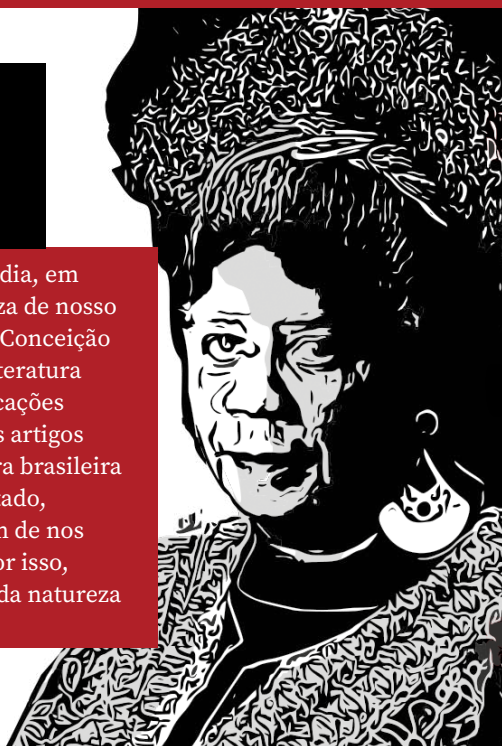
NOSSAS

CONCEIÇÃO EVARISTO

É referência e orgulho presente em nosso dia-a-dia, em nossa Marcha e em todas as celebrações à realeza de nosso povo. Aos 76 anos, a escritora mineira Maria da Conceição Evaristo Brito, vencedora de maior prêmio da literatura brasileira, o Jabuti, nos inspira com suas convocações ao aquilombamento. Com seis livros e inúmeros artigos publicados, Conceição lembra à população negra brasileira que os representantes da Casa Grande atual (Estado, governos, uma elite supremacista) “combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. Por isso, seguimos em marcha reverenciando essa força da natureza chamada Conceição Evaristo!

CIDA BENTO

Cida Bento é psicóloga, ativista e coordenadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). Foi eleita pela revista The Economist, em 2015, uma das 50 profissionais mais influentes do mundo por criar modelos de diversidade na área de recursos humanos. Doutora em Psicologia Social (USP), defendeu a tese: “Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e públicas”. No CEERT, foi a coordenadora geral das sete edições do “Prêmio Educar para a Igualdade Racial e de Gênero”. Cida colaborou com a MMNSP em diversos momentos. Somos gratas pela generosidade da troca! Vida longa! Cida Bento, presente!





GILDA PEREIRA

Gilda, Astrogilda Pereira. Comunista, historiadora, promotora legal popular, amante dos estudos, intelectual orgânica do movimento social. Nascida em São Paulo, em 1936. É mãe, avó e bisavó, trabalhou como operária dos 14 aos 22 anos e a partir dos 32 anos trabalhou na Educação. Aposentou-se como professora de História na rede estadual de ensino de São Paulo. Faz parte da APEOESP. Foi fundadora e presidente da Associação Baobá de Canto Coral. Integrou a organização da Marcha das Mulheres Negras 2015, junto ao núcleo impulsor de São Paulo e participa da Marcha de Mulheres Negras de São Paulo. Participou da #partida feminista – SP. É membra da Coletiva Articula Debate e é liderança comunitária na região de Vila Matilde. Gilda, presente!

LENNY BLUE

Lenny Blue nasceu no bairro do Bras, zona leste de São Paulo. Herdou do pai o gosto pelo 'blues', música clássica, ópera e pela leitura. Herdou da mãe, a fé inabalável e o prazer de cozinhar. Aos 25 anos ingressou no Poder Judiciário, como Escrevente Técnico Judiciário, no mesmo período desabrochou para militância racial e ingressou para o Movimento Negro Unificado (MNU). Aos 49 anos, ingressou na faculdade de Direito após passagem pelo Núcleo da Consciência Negra da USP, na década de 1990. No Direito, atua como especialista em Direito Constitucio



NILMA BENTES

Os passos na militância de Raimunda Nilma de Melo Bentes, mais conhecida como Nilma Bentes, vem de longe. Paraense do bairro da Pedreira, ela foi uma das fundadoras do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa) na década de 1980, em Belém, e uma das idealizadoras da Marcha Nacional das Mulheres Negras, que ocorreu em Brasília (DF), em 2015 e responsável pela inclusão do debate do Bem Viver na agenda das mulheres negras brasileiras.

<https://www.geledes.org.br/>



NILZA IRACI

Entre as mulheres que constroem a MMNSP, temos Nilza que do alto dos seus 70 anos já superou uma ditadura e o horror de uma prisão política nos anos de chumbo no Brasil. Fundou Geledés - Instituto da Mulher Negra, ao lado de Sueli Carneiro. Fez parte ativa da luta pela reconstrução de uma democracia ainda inconclusa no Brasil. Comunicadora social, esteve presente e atuante nos principais processos de incidência internacional debatendo a perspectiva de gênero e raça. Desde 1998 se dedica a processos de formação e capacitação de mulheres negras. Ajudou a eleger a primeira mulher presidenta deste país, mas esteve também na linha de frente da formação da Carta das Mulheres Negras Brasileiras de 2015, apresentada

à Dilma Rousseff para reafirmar que até sob um governo progressista o genocídio do povo negro não deu trégua, o encarceramento de homens e mulheres negras cresceu e a luta por reparação histórica seguiu sendo uma urgência. Na luta contra o golpe que se abateu sobre o país em 2016 e derivou num governo de caráter fascista, Nilza enfrentou também o golpe da covid-19 e venceu mais essa batalha! Não à toa que traz uma tatuagem que anuncia sua essência: “resiliência”, substantivo feminino que tem como significado mais profundo a capacidade de seguir lutando mesmo diante das adversidades. É uma honra para todas nós caminhar ao seu lado e marchar por nós, por todas nós, contra o machismo e o racismo, e pelo Bem Viver!

VIDA LONGA A NILZA IRACI!

Regina Lúcia dos Santos é geógrafa, professora e coordenadora estadual do MNU-SP, organização onde milita desde 1992.

Atuou na articulação das temáticas da exclusão territorial como elemento programático da luta antirracista desde o início de sua entrada no Movimento Negro Unificado (MNU). Integrou a comissão organizadora do ato nacional “Brasil: outros 500”, em Salvador, no ano 2000. Quando o governo FHC tentava vender internacionalmente o mito da democracia racial e apagar os crimes do Estado brasileiro contra as populações indígenas e negra. A repressão ao ato desmascarou ao mundo o racismo estrutural no Brasil.

Articuladora de iniciativas do MNU com redes como a AMPARAR (Associação de Amigos e Familiares de Presos) e a Cooperativa de Catadoras de Materiais Recicláveis da Granja Julieta. Atuou nos processos de debate sobre a Lei 10639/2003.

REGINA LUCIA



SUELI CARNEIRO

Filósofa, escritora e feminista negra brasileira. Fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, é uma das principais referências teóricas da luta antirracista no Brasil, e também fora do país. Para nós, mulheres negras, é uma importante griot. Graças à sua generosidade e assertividade, tem inspirado toda uma geração de jovens militantes e acadêmicas negras. Suas formulações sobre a importância do enegrecimento do feminismo, questionando a universalidade do conceito na sociedade, tem sido um marco para todas nós, na luta contra o patriarcado em todas suas expressões. E sua contribuição para que as mulheres negras tenham centralidade nas lutas contra todas as formas de opressão tem sido um paradigma para a MMNSP. O debate sobre o empoderamento feminino nas religiões de matriz africana e os aprendizados que essa trajetória coloca para todas nós, na busca pela emancipação e na luta contra o racismo patriarcal. As falas, presenças e escritos de Sueli, nos lembram de estarmos amparadas na reivindicação da nossa ancestralidade e da História. Um mulher negra que se impôs no mundo como uma referência intelectual e ativista. Um orgulho para nós caminhar seguindo os passos de Sueli e ao lado dela!

CADERNO

1

INTRODUÇÃO: Um convite à organização coletiva, bôra se aquilombar!

PREFÁCIO: Juntas e em movimento somos mais fortes

Marcha das Mulheres Negras de São Paulo: sou porque somos!

COMO ESTAMOS ORGANIZADAS?

- ▣ Conheça nossos GT's permanentes
- ▣ Conheça nossos GT's temporários

PROJETOS PARA INSPIRAR

- ▣ Narrativas de Liberdade
- ▣ Aquilombar: ampliar universos
- ▣ Mulheres Negras: principal alvo da "Nova Previdência"
- ▣ Nasce mais um Projeto: bem viver, diálogo com a soberania alimentar

QUERO ME ORGANIZAR, O QUE FAZER?

ANCESTRAIS PARA CONHECER E REVERENCIAR:

- ▣ Aqualtune
- ▣ Dandara dos Palmares
- ▣ Helena Nogueira
- ▣ Lélia González
- ▣ Luana Barbosa
- ▣ Luiza Bairros
- ▣ Mãe Stella de Oxóssi
- ▣ Marielle Franco
- ▣ Ruth de Souza
- ▣ Sônia Leite
- ▣ Theodosina Ribeiro
- ▣ Tula Pilar
- ▣ Xica Manicongo
- ▣ Zeferina

CADERNO

2

VOÇÊ
ESTÁ
AQUI

NOSSAS GRIOTS:

- ▣ Cida Bento
- ▣ Conceição Evaristo
- ▣ Gilda Pereira
- ▣ Lenny Blue
- ▣ Nilma Bentes
- ▣ Nilza Iraci
- ▣ Regina Lúcia
- ▣ Sueli Carneiro



CADERNO

3

MANEIRAS DE SE ORGANIZAR:

- ▣ Associações
- ▣ Coletivos
- ▣ Cooperativas
- ▣ Frentes
- ▣ Grupos de estudos
- ▣ Instituições religiosas
- ▣ Núcleo de Estudos
- ▣ ONG's
- ▣ Partidos políticos
- ▣ Sindicatos

ALIMENTANDO SABERES

- ▣ Ancestralidade
- ▣ Bem viver
- ▣ Bifobia
- ▣ Capacitismo
- ▣ Colorismo
- ▣ Encarceramento em massa
- ▣ Epistemicídio
- ▣ Feminicídio
- ▣ Feminismo Negro
- ▣ Horizontalidade
- ▣ Identidade de gênero
- ▣ Interseccionalidade
- ▣ Lesbofobia
- ▣ Necropolítica
- ▣ Racismo institucional
- ▣ Racismo patriarcal
- ▣ Racismo religioso
- ▣ Sankofa
- ▣ Transfobia
- ▣ Ubuntu
- ▣ Valores civilizatórios afrobrasileiros

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO



narrativasdeliberdade@gmail.com
spmarchamulheresnegras2015@gmail.com



@marchadasmulheresnegrassp

ISBN: 978-65-995064-3-7



9 786599 506437

realização



**FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO**
BRASIL E PARAGUAI

apoio

